

diversidade  
**sexual**  
na escola



O Projeto Diversidade Sexual na Escola é uma realização da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (Secad/MEC). É um dos mais de 30 projetos, nacionalmente selecionados e conveniados pela Secad/MEC, em 2007, no âmbito da *Formação de Profissionais da Educação para a Promoção da Cultura de Reconhecimento da Diversidade Sexual e da Igualdade de Gênero*, em cumprimento ao Programa Brasil Sem Homofobia.

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Aloísio Teixeira

Reitor

**Pró-Reitoria de Extensão**

Laura Tavares

Pró-Reitora

Isabel Cristina Alencar

Superintendente Geral de Extensão

Ana Inês Souza

Superintendente Acadêmica de Extensão

**Programa Papo Cabeça**

José Leonídio

Coordenador

**Projeto Diversidade Sexual na Escola**

Alexandre Bortolini

Coordenador

Bolsistas

Luan Barros Cassal

Instituto de Psicologia

João Márcio Dias

Escola de Belas Artes

Autor  
**Alexandre Bortolini**

Colaboradores  
**Majorie Marchi**  
**Regina Bortolini**  
**Luan Barros Cassal**

Projeto Gráfico  
**João Márcio Dias**  
**Alexandre Bortolini**

Revisão e Copydesk  
**Sergio Franco**

1ª Edição  
Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ

Rio de Janeiro  
2008

diversidade  
**sexual**  
na escola



Como a escola pode lidar com situações ligadas à orientação sexual dos alunos? A sexualidade dos alunos e alunas é um problema da Escola? E a discriminação e a violência que sofrem os jovens homossexuais dentro da Escola? O que uma professora pode fazer diante de um ato de discriminação?

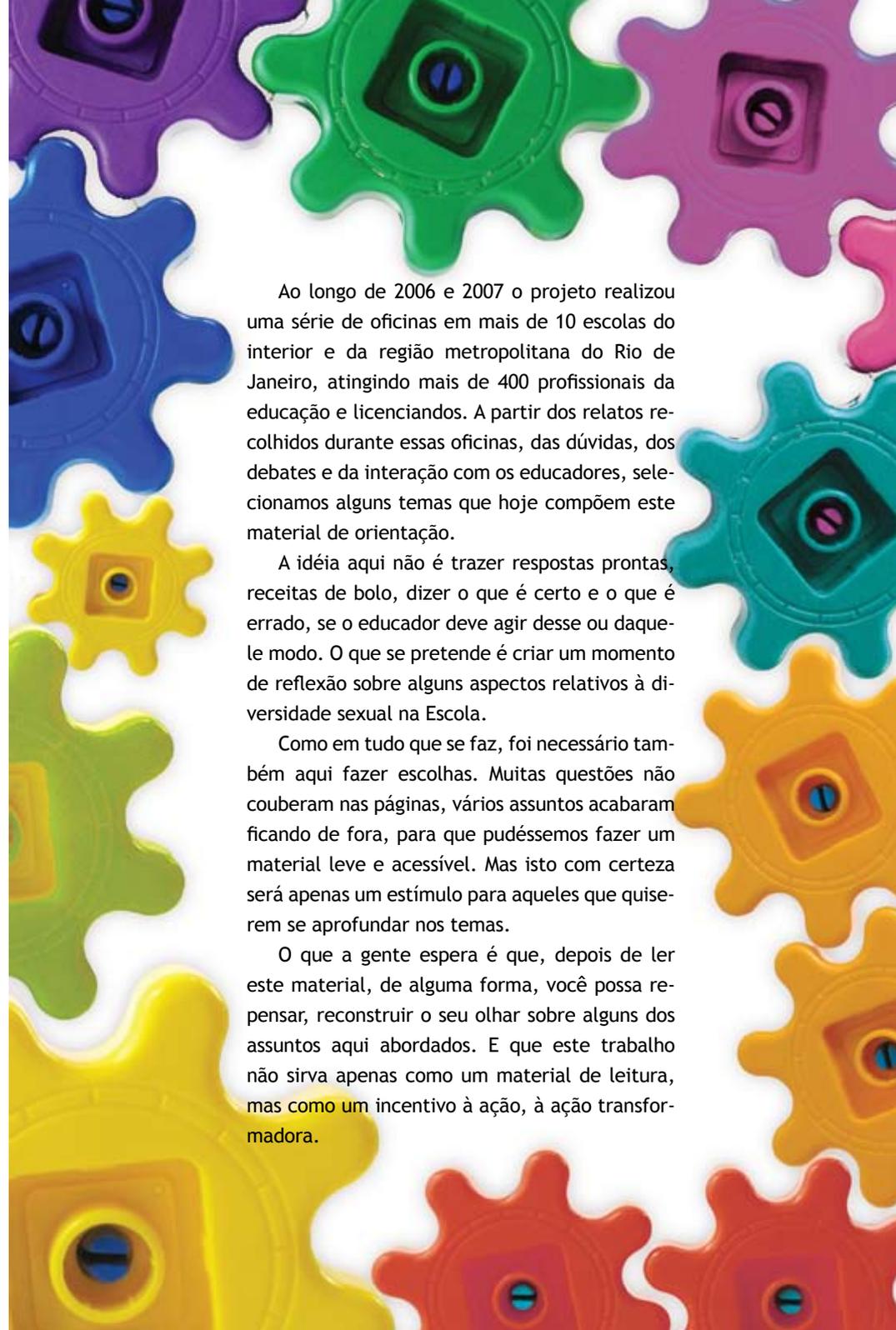


Ao longo de 2006 e 2007 o projeto realizou uma série de oficinas em mais de 10 escolas do interior e da região metropolitana do Rio de Janeiro, atingindo mais de 400 profissionais da educação e licenciandos. A partir dos relatos recolhidos durante essas oficinas, das dúvidas, dos debates e da interação com os educadores, selecionamos alguns temas que hoje compõem este material de orientação.

A idéia aqui não é trazer respostas prontas, receitas de bolo, dizer o que é certo e o que é errado, se o educador deve agir desse ou daquele modo. O que se pretende é criar um momento de reflexão sobre alguns aspectos relativos à diversidade sexual na Escola.

Como em tudo que se faz, foi necessário também aqui fazer escolhas. Muitas questões não couberam nas páginas, vários assuntos acabaram ficando de fora, para que pudéssemos fazer um material leve e acessível. Mas isto com certeza será apenas um estímulo para aqueles que quiserem se aprofundar nos temas.

O que a gente espera é que, depois de ler este material, de alguma forma, você possa repensar, reconstruir o seu olhar sobre alguns dos assuntos aqui abordados. E que este trabalho não sirva apenas como um material de leitura, mas como um incentivo à ação, à ação transformadora.





# SEXUALIDADE por todos os cantos

Nos anos 60, teve início um processo de aprofundamento das mudanças sociais com relação ao comportamento e à sexualidade. Os dois movimentos que mais contribuíram para essas transformações foram o movimento feminista e, mais tarde, os movimentos gay e lésbico. Ainda hoje, vivemos um momento de transição, de transformação dos paradigmas de comportamento sexual e afetivo da nossa sociedade.

Como em todo momento de mudança, a realidade de hoje guarda várias contradições. Ao mesmo tempo em que vemos e convivemos cada dia mais com uma diversidade sexual cada vez mais rica e menos rotulada, se mantém e até se reforçam atitudes preconceituosas, discriminatórias e violentas de pessoas, grupos e instituições conservadoras. Esse embate entre o novo e o conservador, entre a conquista dos direitos e a repressão dos preconceitos se dá em todo o corpo social, em diferentes lugares e momentos. Na família, no círculo de amigos, na comunidade, no trabalho e, é claro, na Escola.

Mas a Escola fala sobre sexo? Fala sobre sexualidade? Michel Foucault, em seu livro História da

Sexualidade, defende que, nos últimos séculos, ao contrário de uma sistemática repressão sexual, o que houve foi uma produção massiva de discursos sobre o sexo. O sexo tornou-se objeto de análise científica, alvo da medicina, da psiquiatria, da pedagogia. Se antes as relações de poder que perpassavam a questão sexual estavam focadas na aliança, nos laços de matrimônio e na oficialização de uma parceria, agora as relações de poder se projetam sobre o corpo, sobre o prazer e suas manifestações. Produzem-se discursos sobre o corpo da mulher, a sua afetividade, o seu papel de “mãe”; a sexualidade infantil é vista como algo precoce e se torna alvo da pedagogia; a reprodução e o sexo se tornam de interesse das políticas públicas de saúde e população e a psiquiatria cria uma série de categorias, conceitos e nomenclaturas específicas para descrever comportamentos sexuais “perversos”. Ou seja, a rede de poder que perpassa a sexualidade seria baseada, portanto, não em um movimento de repressão, de silêncio, de mutismo e até de invisibilidade. Mas, mais que isso, numa dinâmica po-

# meninOs e meninas

sitiva, de produção de discursos e comportamentos.

Nesse contexto, a Escola, entendida como uma instituição formada por seres humanos, pais e mães, professores, alunos e funcionários, muitas vezes não é vista como um lugar onde a sexualidade deva ser expressada ou discutida. Em seu aparente silêncio, na verdade, ela fala o tempo todo sobre sexualidade. “O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios, os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala silenciosamente da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças.” Para citar exemplos mais modernos, a divisão por sexo nas aulas de Educação Física - e os esportes atribuídos a meninos ou meninas; as filas de meninos e de meninas na Educação Infantil; as distinções sexistas de vestuário - meninos não podem usar brincos nem cabelo comprido; a forma dos professores tratarem alunos homens ou mulheres, com rispidez ou com delicadeza; a tolerância da violência, verbal e até mesmo física, entre meninos; a preocupação constante com a manifestação da sensualidade das adolescentes. Só para citar alguns exemplos.

Por outro lado, uma pesquisa recente da UNESCO levantou que, se para alguns pais a escola não é “lugar para ensinar saliências”, a maior parte dos responsáveis e, em maior escala, de educadores e estudantes, é favorável à discussão direta sobre sexualidade na Escola.

Nesse debate se opõem, de um lado, uma visão higienista, biologicizante, onde se apresenta uma verdade única e “científica” e onde cabe apenas a um professor, o de Ciências, a responsabilidade de tratar o tema. De outro lado, uma perspectiva interdisciplinar, onde a sexualidade seja tratada em diferentes momentos e sob diversas perspectivas, em todos os seus aspectos (biológicos, sociológicos, culturais, afetivos, etc.) numa idéia de pluralidade e tolerância.

Tudo isso nos mostra que a Escola, a despeito do que se creia, é sim um espaço onde a sexualidade se manifesta e mais, onde se produzem comportamentos, onde se instigam ou superam preconceitos, onde se difundem conhecimentos e valores. E a Escola, com seu papel formativo, tem sobre si uma enorme responsabilidade, proporcional aos seus desafios, no que diz respeito à superação dos preconceitos e à defesa irrestrita dos direitos humanos.

Mas o que orienta as posições institucionais da Escola? Como cada estabelecimento se coloca diante das questões da sexualidade e, especificamente, da diversidade sexual de seus/suas alunos/as e professores/as? Como cada escola lida com episódios de conflito, de agressão e de discriminação? A escola trabalha para a superação desses preconceitos ou, ao contrário, adota, nas suas práticas cotidianas, regras, rótulos e posturas que tendem a reproduzir, afirmar e incrementar atitudes discriminatórias, sexistas e homofóbicas?

*Eu dei aula numa escola de 1ª a 4ª, justamente o primeiro segmento, e eu tive uma situação em que ficou nítido, por falta de argumento do professor, aí você sai por aquele caminho do senso-comum. Uma aluna fazendo uma bagunça, perturbando, perturbando, perturbando, aí chegou uma hora em que não agüentei mais e fiz assim “porque você não pára com isso, que saco, vê isso fica bem, uma menina agindo dessa forma!”. E aí a turma virou e falou assim: “professor, é um menino”. Aí minha cara foi no chão, não por eu ter errado o sexo, mas aí eu percebi o quanto de preconceito estava naquela fala. “Do mesmo jeito, tanto faz se é menino ou menina”. Aí, na verdade, eu já tava dando esporro em mim mesmo. Mas tem essa coisa, eu acho que a gente acaba reforçando a postura social e cultural. Por não ter argumento, acabei falando “vê se fica bem numa menina”. Não interessa se ela é menina ou se é menino.*

**Professor**



Para começar: você sabe qual a diferença entre SEXO e GÊNERO? O que você sabe sobre estes dois conceitos?

Bom, num primeiro momento vamos pensar que sexo é tudo aquilo que está relacionado às características físicas de um ser humano. O órgão sexual, o genoma, o formato do corpo, dos seios, enfim, tudo aquilo que é característica relacionada diretamente à materialidade. Assim, teríamos pessoas do sexo masculino, do sexo feminino ou (raramente) intersexuais.

E gênero? O conceito de gênero, por outro lado, está ligado às características comportamentais, culturais, sociais e históricas, construídas socialmente. Entre um bebê do sexo masculino e um homem, na forma como a nossa sociedade o concebe - no seu jeito de ser, de falar, de andar, de vestir, de agir - há uma grande distância. Antes mesmo de uma criança nascer ela já tem um nome, que é masculino ou feminino; já tem um enxoval, que é mais rosa ou mais azul; já tem expectativas de vida dos seus pais sobre ela, que tem a ver com o fato dela ser menino ou menina.

Não há nada na genética do cabelo da mulher que diga que ele é mais propenso a ficar comprido do que o do homem. Não há nada no formato do quadril de um homem que o impeça de usar saia. Essas convenções são construídas socialmente, através da História e das nossas culturas.

Poderíamos aqui dividir as pessoas no gênero masculino ou femi-

nino, mas, nesse caso, esta divisão se torna cada vez mais artificial. Afinal, para que ela faça sentido é preciso que a gente tenha um perfil de masculinidade e de feminilidade claramente estabelecidos. Apesar destes estereótipos existirem, eles são a cada dia mais e mais questionados. Esta divisão estanque entre masculino e feminino vai sendo relativizada e vão se criando identidades de gênero que não se encaixam exatamente em nenhum extremo.

Complicado? Pois ainda dá para complicar um pouco mais. Por exemplo: qual é o sexo hoje de uma pessoa que nasceu com o sexo masculino, mas fez uma operação de mudança de sexo? É masculino ou feminino? O que é determinante nesse caso? O sexo de nascença? O sexo que ela tem agora? As características físicas? Mas quais? O genótipo? (Ela continua XY) Ou o fenótipo? (Ela tem seios, quadril, rosto, vagina, toda a compleição física de uma mulher) Mas ela não pode ter filhos. E as mulheres que nascem ou ficam estéreis? Não são mulheres? O que define uma mulher? É a sua capacidade de reproduzir? Ou seja, num caso como esse, há argumentos físicos e biológicos para afirmar que essa pessoa é do sexo masculino. E há argumentos físicos e biológicos para afirmar que ela é do sexo feminino. No fim de tudo, percebemos que o sexo também não é um conceito tão definitivo assim e pode ser tão relativo quanto o conceito de gênero.

A Biologia, como todas as ciên-

cias, foi criada pelos seres humanos, num determinado momento da História, num determinado tipo de sociedade. Ela é, portanto, assim como todas as outras ciências, relativa.

No fim, o que percebemos é que os conceitos de sexo e gênero, apesar de distintos, são ambos relativos e a percepção sobre eles irá mudar de acordo com o momento histórico, a

cultura e a visão pessoal de cada um.

Sobre a transexual, pense apenas uma coisa: se você decidir que o sexo dela é masculino, vai fazer alguma diferença para você na sua vida cotidiana? E para ela? Se você decidir que o sexo dela é feminino, vai fazer alguma diferença para você na sua vida cotidiana? E para ela?

## BREVE HISTÓRIA DO MACACO



*Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula. No meio da jaula, uma escada e sobre ela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia na escada para pegar as bananas, os cientistas jogavam um jato de água fria, não no que subia, nos que estavam no chão. Depois de alguns jatos d'água, quando um macaco tentava subir a escada, os outros o espancavam. Com mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.*

*Então, os cientistas substituíram um dos macacos por um novo. A primeira coisa que o novato fez foi, logicamente, subir a escada. Mas foi imediatamente surrado pelos outros. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo também não subia mais na escada. Em seguida, os cientistas substituíram outro macaco. Claro, o novato foi direto tentar subir a escada. E claro, foi espancado por todos os outros, inclusive aquele primeiro macaco trocado.*

*E assim foi, macaco a macaco, os cientistas substituíram todos por novos integrantes. No final de tudo, o grupo de cinco macacos, todos trocados, mesmo nunca tendo tomado um único banho frio, continuavam batendo em qualquer um que tentassem pegar as bananas.*

*Se desse para a gente perguntar para algum deles porque eles espancavam quem tentasse subir a escada, provavelmente um deles ia responder: «não sei, só sei que sempre foi assim.»*

A cor de menino é azul e de menina, rosa. Homem usa calça, mulher usa saia. É o homem que tem que pagar a conta. Menina brinca de boneca, menino de carrinho. Homens são mais brutos. Mulheres mais delicadas. Estas são só algumas das idéias que existem, que nós acreditamos e reproduzimos, mas que a gente não faz idéia de onde surgiram. Em que momento

da história se decidiu que azul era cor de menino e rosa cor de menina? Você sabe? Ninguém sabe, mas nós agimos como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo. Basta esticar um pouco o olhar sobre outros povos ou sobre a nossa própria história para que a gente perceba como esses conceitos são relativos. E, se são relativos, eles podem ser transformados...



nem tudo é tão simples  
como parece

## ORIENTAÇÃO SEXUAL E AFETIVA

Os seres humanos não são completos em si mesmos, e buscam prazer em muitas fontes externas - a gente viaja, come, trabalha, estuda, vê filmes, tem filhos... O porquê das pessoas terem vontades tão variadas e as diferenças na sua realização é um complexo que combina elementos culturais, biológicos e sociais. A ciência ainda não dá conta dessas respostas. Esses sentimentos são direcionados a um objeto externo a si mesmo, e não dizem respeito ao que a pessoa é ou o que ela faz, mas é uma vontade subjetiva.

Uma das formas de encontramos prazer e completude nas nossas vidas é o amor e o sexo. O desejo, nesse caso, é pelo outro. Para dar um nome acadêmico, a gente

chama esse desejo de orientação sexual e afetiva. A partir de um determinado momento, começamos a criar categorias que tentassem classificar a enorme diversidade desses desejos.

O termo orientação sexual (agora acrescido da expressão afetiva) é usado com uma infinidade de significados - até mesmo com o sentido de educação sexual. Aqui vamos trabalhar com este conceito significando a atração, o desejo sexual e afetivo que uma pessoa sente por outras. Para montar as "categorias" nós vamos nos basear no gênero e não no sexo, no papel social interpretado e não na genitália.

Assim podemos dividir as orientações (se é que isso é possível de fato) basicamente em:

**HOMOSSEXUAL**  
quem sente atração por pessoas do mesmo gênero

**HETEROSSEXUAL**  
quem sente atração por pessoas do gênero oposto

**BISSEXUAL**  
quem sente atração por pessoas de ambos os gêneros

Essas categorias, assim como todas as classificações, não dá conta da enorme diversidade humana. Se pensarmos no campo do desejo sexual e afetivo, provavelmente um heterossexual é tão diferente de um homossexual quanto de outro hetero. Para viajar um pouco mais, podemos então pensar que existem

heterossexualidades, homossexualidades, etc. Ou que talvez o desejo humano possa ser como um gradiente, que vai da homossexualidade absoluta à heterossexualidade absoluta (com a bissexualidade absoluta exatamente no meio). A maioria de nós estaria em algum lugar dentro deste *degradê*.

## IDENTIDADE SEXUAL

Outro conceito importante para começarmos a entender toda essa história é o de identidade sexual. Cada um de nós possui uma diversidade de identidades: profissional, religiosa, étnica, racial, familiar e, dentre tantas, uma identidade sexual. Diferente da orientação sexual e afetiva, que está diretamente relacionada ao meu desejo

pelo outro, a identidade sexual tem a ver com como eu me coloco diante da sociedade, com quais grupos, representações e imagens eu me identifico e me reconheço.

Claro que a nossa cultura, ávida por classificações, foi, ao longo dos tempos, em especial das últimas décadas, criando identidades sexuais. Algumas das mais conhecidas são:

Gay

Transexual

Lésbica

Travesti

Bissexual

Mulher heterossexual

Homem heterossexual

Estas identidades não têm a ver só com a atração sexual e afetiva, mas, mais do que isso, têm a ver com um jeito de ser, de se sentir, de vivenciar o seu afeto, com o compartilhamento de uma determinada cultura, música, lugares de encontro, até mesmo com uma atitude política.

O mais importante aqui é que a gente consiga diferenciar na nossa cabeça o que são esses quatro conceitos: SEXO / GÊNERO / ORIENTAÇÃO SEXUAL E AFETIVA / IDENTIDADE SEXUAL. A maioria de nós, desde criança foi ensinada que só existiam duas possibilidades de combinações aí: SEXO: MASCULINO + GÊNERO: MASCULINO + ORIENTAÇÃO: HETERO + IDENTIDADE: HOMEM HETERO ou SEXO: FEMININO + GÊNERO: FEMININO + ORIENTAÇÃO: HETERO + IDENTIDADE: MULHER HETERO

Mas as coisas não são tão simples assim - para o desespero de alguns e para a felicidade de muitos. Assim, diferentes seres humanos foram inventando diferentes formas de combinar todas essas experiências.

## ISMOS E DADES

Ao longo destes textos você vai poder perceber que nós sempre usaremos a palavra homossexualidade, ao invés de homossexualismo. O sufixo ISMO é de origem grega e carrega dois sentidos principais: a idéia de uma doutrina, seita ou conjunto de idéias (Cristianismo, Judaísmo, Marxismo) ou a idéia de doença (tabagismo, alcoolismo, botulismo). Já o sufixo DADE traz um sentido de expressão, manifestação humana (identidade, felicidade, espontaneidade, sexualidade).

Assim, o termo homossexualismo carrega uma idéia conservadora que enxerga os homossexuais como doentes ou desviantes. Já a palavra homossexualidade nos remete à idéia de que ela é apenas mais uma

expressão da sexualidade ou da identidade humana.

O termo homossexualismo foi criado no final do século XIX por médicos, como a classificação de uma doença. Nas últimas décadas do século XX, os códigos de doenças (CID-X e DSM IV) retiraram a homossexualidade de suas classificações e, em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aboliu a homossexualidade como doença de todas suas listas. Além disso, em 2001 o Conselho Federal de Psicologia do Brasil proibiu todos os profissionais da área de realizarem qualquer tratamento que vise uma possível "cura" da homossexualidade, visto que não é uma doença. O profissional que faça isso pode até mesmo ter seu registro cassado.

É daí que vem a sigla GLBTT, que significa gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

# mitos

## crendices

### e OUTRAS historinhas



Quando o assunto é homossexualidade ou transexualidade, o que não falta são opiniões. Algumas baseadas em conceitos, idéias e crenças. Outras, construídas em cima apenas do senso comum e mesmo do completo desconhecimento. Colocamos aqui então algumas das “idéias” que rondam a imagem da homossexualidade, para a gente discutir um pouco cada uma delas.

## OS HOMENS GAYS SÃO MAIS SENSÍVEIS E ÓTIMOS AMIGOS

Entre os diferentes estereótipos que cercam os homens homossexuais há alguns que são aparentemente positivos - aparentemente. E esse é um deles. Pessoas sensíveis e amigas existem em todas as orientações sexuais. Assim como antipáticas também. Não há nada na orientação sexual de uma pessoa que a torne necessariamente mais ou menos amiga.

Talvez possamos pensar que um homem gay, por ser gay, já rompeu com talvez o maior componente do estereótipo da masculinidade, qual seja, gostar de mulher. Assim, talvez fique mais fácil romper com ou-

tros, como a dificuldade de expressar seus sentimentos, de chorar, de demonstrar afeto, etc.

Por outro lado, essa idéia parece funcionar quase como uma compensação. Como a idéia de que todo gordo é alegre. Por que todo gordo tem que ser alegre?! Por que, para ser aceito como gay, o sujeito precisasse ser sensível, amigo, inteligente, bonito, rico e bem sucedido? Como se essas grandes qualidades “compensassem” aquele pequeno defeito. E se ele for pobre, chato e nada inteligente? Não merece ser respeitado?

## NUMA TRANSA ENTRE DOIS HOMENS, QUEM É PASSIVO É MAIS HOMOSSEXUAL DO QUE QUEM É ATIVO

Essa idéia, apesar de aparentemente sem sentido, está muito presente no senso comum da nossa sociedade. E o que importa nessa questão é conseguirmos perceber o que está por trás dessa idéia.

Na nossa sociedade há um papel para o homem e um papel para a mulher. Entre os estereótipos que compõem o papel do homem está o fato de ter de ser forte, viril, provedor, dominante e ativo sexualmente. Entre os estereótipos que compõem o papel da mulher está a idéia de ser mais sensível, romântica, mãe, frágil e passiva sexualmente. Quan-

do esses papéis são transgredidos, aí começa o problema.

Duas mulheres femininas transando é parte inclusive da fantasia sexual de muitos homens heterossexuais. E duas mulheres masculinizadas? Serão alvo certo de preconceitos. Muitos homens que se relacionam sexualmente com outros, mas se mantêm na posição de ativo, não vão se entender como homossexuais. Dentre os próprios gays uma forma cômica e pejorativa de brincar com os colegas é chamar de “passiva”.

O depoimento a seguir exemplifica um pouco o que estamos dizendo.

*Quando eu contei para os meus pais que eu era gay, meu pai, que nunca falava nada, disse que só queria me fazer uma pergunta: se eu era ativo ou passivo. Porque se eu era ativo, ainda dava pra recuperar...*

Jovem homossexual

O que está embutido nesse pensamento? A idéia de que, se o filho é o ativo nas relações, ele ainda se mantém dentro do papel social de homem, ainda dentro do estereótipo da masculinidade, e precisa apenas se livrar desse “mau hábito”. Se ele é passivo nas relações, já teria então rompido com esse papel masculino, sendo, portanto, “irrecuperável”.

E mesmo que você diga que não concorda, que é absurdo, talvez acabe se pegando com um pensamento muito parecido. Quando você vê um casal gay andando pela rua. Um com um estereótipo mais masculino, o outro, mais feminino. Provavelmente você, como grande parte das pessoas, fará também um julgamento de

quem é o ativo e quem é o passivo, mesmo sabendo que pode estar completamente enganado.

Isso tudo deixa claro que os preconceitos com relação à orientação sexual estão intrinsecamente ligados às questões de gênero. Mais do que quem faz sexo com quem, importa saber qual o papel que essa pessoa ocupa. Quanto mais o indivíduo rompe os papéis de gênero, mais ele será notado, estigmatizado e, muitas vezes, discriminado e agredido. Não é à toa que, dentre todo o segmento GLBTT, sem dúvida são as travestis e transexuais - que subvertem radicalmente os papéis pré-estabelecidos - que carregam os maiores índices de agressão e violência.

## A HOMOSSEXUALIDADE É UMA OPÇÃO DE VIDA. UMA ESCOLHA.

O que é uma escolha? Escolha é uma simples decisão, sobre algo que pode ser decidido. Eu escolho se vou vestir uma camisa azul ou vermelha. Mas será que é possível escolher por quem eu quero sentir atração sexual ou afeto?

Há uma série de pesquisas, estudos, discussões e debates sobre o que leva uma pessoa a ser homosse-

xual. Há quem atribua a características biológicas, mesmo genéticas; há quem defenda que toda a sexualidade é uma construção social; há os que juntem um pouco de tudo. Seja como for, todas essas questões estão ligadas a processos (físicos ou psicológicos) que estão para além da simples vontade.

A escolha em questão tem a ver

não com sentir ou não sentir atração, mas com vivenciar ou reprimir, assumir ou esconder, um determinado desejo afetivo ou sexual. Desejo que não é determinável pela vontade.

O problema da idéia de escolha é que ela ignora a subjetividade e muitas vezes culpabiliza o sujeito. Por outro lado, a visão de que a orientação sexual é algo que está para além da determinação da pessoa, pode gerar uma idéia de pena

- “coitado, ele não têm escolha...”  
- o que também não é uma relação positiva.

Talvez o melhor seja pensarmos que as orientações sexuais, todas elas, têm origens e determinantes que ainda não conhecemos muito bem, mas que, mais importante do que isso, é podermos viver a nossa sexualidade, seja qual for, de uma forma livre, respeitosa, tranqüila e saudável.

## TODO HOMEM QUE FAZ SEXO COM OUTRO HOMEM É GAY.

Como a gente já viu antes, orientação sexual e identidade são coisas diferentes. A identidade de gay vai além de fazer sexo com outro homem. Tem a ver com um jeito de ser, uma determinada cultura, música, lugares de encontro, até mesmo com uma determinada atitude política. Nem todo homem que faz sexo com outro homem tem essa identidade e, portanto, não pode ser imediatamente considerado como gay. Assim como nem toda mulher que faz sexo com outra mu-

lher tem a identidade de lésbica. Isso não significa que eles sejam mal resolvidos. Simplesmente que não se identificam com essa imagem.

Algumas ações de prevenção a DST/AIDS usam hoje os conceitos de HSH (homens que fazem sexo com homens) e MSM (mulheres que fazem sexo com mulheres), já que entende que, na hora de fazer um cartaz ou produzir um texto, não se pode atribuir a todos esses homens e mulheres a identidade de gays ou lésbicas.

## EXISTE MUITA PROMISCUIDADE ENTRE OS HOMOSSEXUAIS.

Ainda há no imaginário de muitas pessoas aquela imagem do homossexual que faz pegação no banheiro, que se agarra em lugares públicos no meio da noite - e essa cultura ainda existe bastante dentro da comunidade GLBTT.

Então, vamos pensar o seguinte: há trinta anos atrás, quais eram os espaços onde os homossexuais podiam vivenciar a sua sexualidade ou o seu afeto? Dava para namorar na pracinha? Andar de mão dada na festa da escola? Apresentar o namora-

do ou namorada para a família? Claro que não. Mesmo a maioria dos motéis não permitia a entrada de casais do mesmo sexo. Ou seja, gays e lésbicas não podiam viver a sua sexualidade e o seu carinho nos espaços onde todos outros vivenciavam. Essa vivência acabava sempre se dando de forma marginal. Ou nos guetos ou na surdina, muitas vezes em lugares nada adequados, mas que restavam como única possibilidade. Mesmo hoje, a manifestação do afeto público ainda é muito difícil e reprimida.

## OS RISCOS DE PEGAR AIDS SÃO MAIORES ENTRE HOMOSSEXUAIS.

Qual a forma de contágio do HIV pelo sexo? Relação sexual desprotegida com alguém portador do vírus. E qual a única forma de prevenção? Sexo com camisinha, e ponto. Não importa com quem você esteja fazendo sexo, nem quantas relações você tem, nem quantos parceiros. O que importa neste caso é apenas se você está usando preservativo em todas as relações.

O pensamento, ainda muito comum hoje em dia, de que homossexuais têm mais chances de pegar AIDS trabalha ainda com a idéia de grupo de risco. E qual o problema desse conceito - além de ser um pensamento alimentado por muito preconceito? Se você trabalha com a idéia de que existem determinados grupos que estão mais propensos a se contagiar, e se você não faz parte de nenhum deles, então você não

Assim, se um funcionário pega dois meninos se agarrando no banheiro da escola, seria interessante ele imaginar que, se esses dois meninos pudessem se beijar e namorar em público como todas as outras pessoas, eles talvez não precisassem fazer isso no banheiro. Que esse tipo de atitude não é consequência de uma perversão e safadeza nata à homossexualidade, mas consequência sim da realidade de repressão e discriminação a qual gays e lésbicas estão submetidos.

precisa se prevenir. “Se AIDS é coisa de prostitutas, usuários de drogas e homossexuais e eu não sou nada disso, então não preciso me preocupar, posso transar à vontade que nunca vou pegar o HIV”. Esse é o pensamento alimentado pela idéia de grupo de risco, pensamento que ainda leva muitos homens e mulheres a manterem relações completamente desprevenidos.

Hoje nós trabalhamos com o conceito de comportamento de risco, ou seja, o que o torna vulnerável à contaminação pelo HIV não é a sua orientação sexual, sua profissão, o número de parceiros ou nada disso, mas comportamentos de risco, como manter relações sem camisinha e compartilhar seringas. São estes comportamentos que o tornam vulnerável.

Só alguns dados, uma pesquisa

feita entre homossexuais durante a Parada do Orgulho GLBT do Rio constatou que 72% dos que responderam à enquete afirmaram usar

preservativos em TODAS as relações. Segundo o Ministério da Saúde, a prática heterossexual é responsável por 46% dos novos casos de AIDS

## OS JOVENS BISSEXUAIS NA VERDADE ESTÃO PASSANDO POR UMA FASE DE INDECISÃO. LOGO VÃO OPTAR POR UM LADO OU PELO OUTRO.

Há uma tendência errônea de se entender os bissexuais como se fossem pessoas mal resolvidas. Homossexuais não assumidos ou heterossexuais que não sabem o que querem. É difícil para muitas pessoas entenderem a bissexualidade de fato porque a gente ainda trabalha muito com uma idéia dicotômica da sexualidade. Não dá para a gente criar categorias, como homo e hetero, e achar que todo o desejo sexual e afetivo da humanidade vai caber dentro delas. É claro que não.

Como já dissemos antes, vamos pensar que desejo humano possa ser como um gradiente, que vai da homossexualidade absoluta à heterossexualidade absoluta (com a bissexualidade absoluta exatamente no meio). A maioria de nós estaria em algum lugar dentro desse *degradê*.

Ninguém precisa se encaixar nesse ou naquele lugar, nem decidir por qualquer lado que seja. Uma pessoa simplesmente pode sentir atração por ambos os gêneros. E isso não quer dizer que um bissexual precise estar permanentemente se relacionando com homens e com mulheres. Isso significa que essa pessoa é capaz de se satisfazer numa relação de afeto e de sexo com outra pessoa, seja qual for o seu gênero.

Compreender e aprender a respeitar a diversidade sexual humana não é apenas incluir mais alguns modelos de relacionamento na nossa caixinha de aceitáveis, mas compreender que a sexualidade e o afeto são experiências muito diversificadas, múltiplas e que podem produzir uma série de possibilidades.

## HOMOSSEXUAIS TÊM DIFICULDADE DE MANTER RELAÇÕES AFETIVAS ESTÁVEIS, COMO UM CASAMENTO, POR EXEMPLO.

Se voltarmos 50 anos atrás, de fato naquela época essa possibilidade não existia. Duas mulheres vi-

vendo juntas, compartilhando uma casa, uma vida, uma cama, era algo inconcebível e inaceitável social-

mente. Uma pesquisa realizada com homens homossexuais com mais de 50 anos apontou que a maioria deles não conseguiu, na sua época, tornar as relações amorosas em relações conjugais. Não que não houvesse o desejo, mas a repressão social - internalizada inclusive - era tamanha que essa idéia se tornava inviável.

Hoje, muitos adolescentes e jovens homossexuais já conseguem vivenciar, desde cedo, o afeto, o namoro, o carinho. Aquelas coisas bem bobas de adolescente, que se apaixona, que namora, que termina, chora, apaixona de novo, namora de novo. Coisas tão simples, mas

que foram completamente negadas à maioria dos homossexuais na sua juventude, e que hoje já vão se tornando cada vez mais possíveis.

O desejo pelo amor, pela convivência, por compartilhar a vida com alguém que se ama independe da orientação sexual. Na mesma pesquisa realizada na Parada do Orgulho GLBT do Rio, 46% dos homossexuais responderam que mantém um relacionamento estável, 24% vivem com um companheiro. Quarenta por cento dos relacionamentos têm mais de 1 ano. 8% mais de 6 e 10% mais de 10 anos de convivência .

*A união civil entre pessoas do mesmo sexo já existe hoje na Dinamarca, na Noruega, na Suécia, na França, na Alemanha, na Bélgica, na Argentina, no Reino Unido (Inglaterra), no México e em alguns lugares dos Estados Unidos. Já o casamento - ou seja, a lei não faz distinção mais entre homossexuais ou heterossexuais - existe na Holanda e na Espanha. No Brasil, o projeto de parceria civil ainda se arrasta no Congresso Nacional...*

qUando você descobriu  
Que eRa asSim

Eu tinha um aluno que na hora da brincadeira se vestia de Branca de Neve ia brincar no pátio com os coleguinhas. Ele devia ter uns sete anos. A diretora chamou os pais, quiseram levar o menino para um psicólogo.  
Estagiária de Pedagogia

Já vi várias situações em que, na infância, são molestados pelo padrasto, ou o pai é terrível e se espelha na mãe, ou a mãe pede para fazer serviços domésticos.  
Professora

Ele (aluno supostamente homossexual) odiava a mãe, por sinal... Foi fruto de um casamento infeliz, a mãe botava ele pra cuidar dos irmãos menores.  
Professora

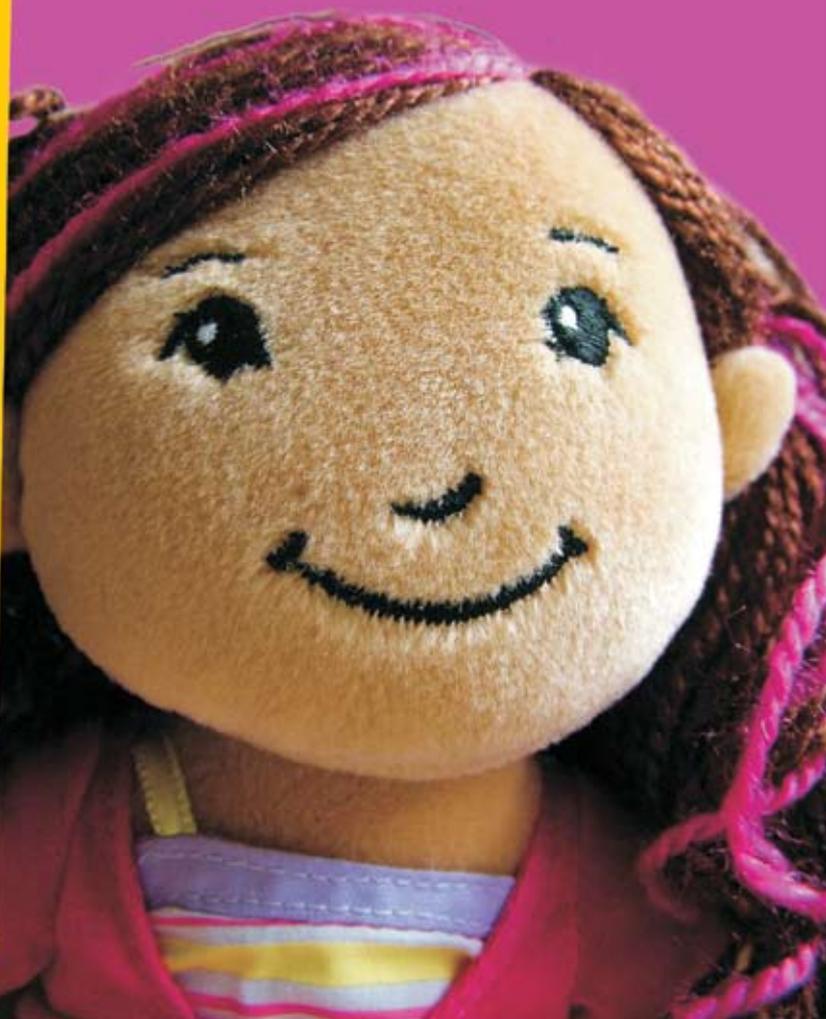
Eu tenho um aluno de cinco anos claramente homossexual.  
Professora de Educação Infantil





# meninas

Alguns educadores ficam absolutamente perdidos quando o assunto é transexualidade ou travestilidade. Grande parte das pessoas nunca conheceu ou conviveu com uma travesti. Formam suas idéias apenas a partir do que aparece na mídia e do senso comum. Então, que tal conhecermos mais quem são essas meninas?



## QUEM SÃO ESSAS MENINAS?

Travestilidade e Transexualidade são termologias adotadas pelos segmentos de Travestis e Transexuais para representar tudo que se refere a essas identidades, com o objetivo de substituir as termologias Travestismo e Transexualismo - o sufixo ismo, como já vimos, traz uma idéia de doença e portanto pejorativa.

### IDENTIDADES TRANS

As Travestis são pessoas com identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico. Realizam modificações corporais temporárias ou permanentes (mas não rejeitam o seu órgão sexual), vivem e apresentam-se socialmente como do gênero oposto ao que lhe seria convencional, desejando serem identificadas cotidianamente pelo resultado desta expressão.

As Transexuais são pessoas de sexo genital determinado, mas que psicologicamente pertencem ao sexo oposto. A maioria dos casos tem como características, a rejeição pelo órgão genital e a necessidade da cirurgia de transgenitalização. Lembrando, podemos ter tanto homens como mulheres transexuais.

A operação de mudança de sexo é autorizada pelo Conselho Federal de Medicina desde 1997, sendo mais comum na mudança de homem para mulher e ainda considerada experimental de mulher para homem. A

pessoa que quiser passar pelo procedimento precisa de pelo menos dois anos de acompanhamento de profissionais de saúde antes da cirurgia. A operação é financiada pelo Sistema Único de Saúde. No Rio de Janeiro, os Hospitais Universitários Pedro Ernesto (da UERJ) e Clementino Fraga Filho (da UFRJ), além do Instituto de Ginecologia da UFRJ, fazem esta cirurgia.

Ainda hoje se vincula o fato de uma pessoa ser ou não transexual a realização ou não da cirurgia de transgenitalização (readequação sexual), o que não é verdade. A transexualidade tem a ver com identidade, com como a pessoa se reconhece, independente dela ter feito ou não a cirurgia. A transexualidade tem a ver com a identidade, como a pessoa se reconhece. Ela pode ter o desejo de fazer a cirurgia, mas ainda não ter realizado por várias razões. A questão é como ela se sente.”

### IDENTIDADES CONFUNDIDAS COM IDENTIDADES TRANS

Travestismo fetichista: É exercido por aqueles que se travestem por motivação erótica. Homens ou mulheres que, como fantasia ou jogo sexual, se caracterizam como o gênero oposto, sem que para isso tenham práticas ou orientação homossexual, ou transportem esse com-

portamento para sua vida cotidiana .

Transformistas: São pessoas, homo ou heterossexuais, que se vestem como do sexo oposto, de forma exagerada ou simplesmente travestidos e caracterizados apenas para participação em manifesta-

ções, artísticas ou não.

Os mais conhecidos são as DRAG QUEENS, homens excessivamente caracterizados, e os DRAG KINGS mulheres que se travestem como o grupo anterior.

## TRAVESTIS E TRANSEXUAIS ATRAVÉS DOS TEMPOS

A prática de vestir-se igual ao gênero oposto não é invenção moderna. Faz parte da nossa história. Há hipóteses de que os primeiros casos de travestilidade tenham ocorrido na pré-história.

Com o início do uso de peles de animais, criou-se o hábito de que os homens usavam a pele pendurada no ombro direito e as mulheres no ombro esquerdo. Ao inverter essa norma social desenvolvida, ocorreu então o que pode ter sido a primeira identificação do homem com o papel social da mulher ou vice versa.

Historiadores portugueses falam dos hábitos de travestilidade em Portugal no século XVI. Um cinquentenário cirurgião, Felipe Corrêa, que em 1553 simulava ter seios e dizia ter “natura de mulher” para conquistar seus parceiros e a travesti Vitória (Antônio de batismo), que em 1556 disputava o espaço e a clientela com as prostitutas do local, foram ambos denunciados pela Inquisição .

Na América, antes da chegada dos espanhóis, já encontramos registros entre os habitantes originais do continente, através da descrição de um frei franciscano:

*“(...) eram todos los demas dellos sométicos, en especial los que viviam en la costa y tierra caliente en tanta manera que andabam vestidos em hábito de mujeres.”*

Antônio Paquena, o primeiro estudioso das “anormalidades sexuais de los aborígenes americanos”, concluiu que são inúmeros os casos e relatos de cronistas, viajantes e missionários descrevendo a presença de travestis e transexuais entre tribos e nações da América do Norte. Como acontecia na Península Ibérica, também em Nueva Espanha os “sométicos” de diversas etnias assumiam traços e características do gênero feminino, trazendo vestidos de mulheres e tratando-se com nomes femininos.

## NO BRASIL, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS ANTES DE CABRAL

Não só no Brasil como em partes meridionais da América do Sul, são vários os registros de travestis antes mesmos da chegada de colonizadores europeus, e podemos encontrar também registros de travestilidade e transexualidade masculina e feminina.

Muitas foram as tribos e nações indígenas nas quais foram registradas - por missionários, colonizadores e cronistas - práticas de inversão do papel social do homem com a mulher e vice-versa, sem que isso pudesse causar algum tipo de exclusão ou de perseguição entre os indígenas.

Entre os Tupinambás, os índios afeminados recebiam o nome de Tibiras. Entre as mulheres, haviam também as Çacoaimbeguiras, consideradas por alguns historiadores como lésbicas e por outros como transexuais.

Outro registro de transexualidade seriam os “cudinhos”, índios de sexo masculino que abraçavam os hábitos e comportamentos do gênero feminino. Vestiam-se de mulher, se enfeitavam, viviam entre elas e faziam os mesmos trabalhos. Tinham um marido e uma vez por mês simulavam uma menstruação, quando não comiam nem peixe, nem carne, como todas as outras mulheres.

A primeira travesti não índia que temos notícia no Brasil foi Francisco Manicongo, negro, escravo de um sapateiro residente em Salvador, denunciado na visita da Inquisição de 1591:

*“(...) recusava-se trazer vestido de homem que lhe dava seu senhor, conservando os costumes dos negros gentios de Angola e do Congo, onde negros que servem de mulheres são chamados quimbandas”.*

Isso tudo serve para que a gente supere a ideia de que travestilidade ou transexualidade são invenções modernas, coisa de americano, ou coisas do tipo. A travestilidade e transexualidade já fazem parte do Brasil antes mesmo dele ter este nome. Não era privilégio dos brancos, pelo contrário, era vivida por europeus, negros e índios. Portanto, ela também faz parte da história do mundo e da nossa própria história.

## MEU, SEU, NOSSOS VALORES

A gente tinha um mural onde todo dia a gente colocava a primeira capa do jornal. Quando aconteceu a Parada do Orgulho Gay, no dia seguinte o jornal apareceu recortado. Arrancaram fora a notícia sobre a Parada. A justificativa é que isso podia induzir os alunos e alguns pais iam reclamar.

**Professora**

Um menino em processo de formação eu sinto obrigação de chamar pra conversar. Uma vez chamei um aluno, conversei, ele falou que queria ser homem, engrossou a voz, conversei com a turma que não queria mais problema. No ano seguinte, veio todo feminino, agredia até a professora. Ele acabou se excluindo. Foi muito triste, fui na casa da mãe, ela veio aqui, chorava mãe, chorava aluno, uma situação muito difícil. O tio estuprou ele quando mais novo, acho que não pode ser normal, sempre é uma angústia, um desequilíbrio.

**Coordenadora Pedagógica**

Temos uma prova disso. Fizemos um seminário de sexualidade na nossa turma, 4º ano normal. Foi uma polêmica enorme no colégio. Fomos discriminadas por alunos porque estávamos trazendo o sexo pra escola, e isso não pode.

**Estudante de curso Normal**

Na minha escola, tem muitos homossexuais declarados. A ponto de um menino gritar no corredor "fulano, eu to grávido de você". E a gente fica sem saber o que fazer. Se colocasse um gravador na sala dos professores, ai sim daria processo.

**Professor**

Qual a atitude ética de um professor ou de uma diretora diante de situações que colocam em questão os seus próprios valores pessoais, morais, ideológicos ou religiosos? Como agir quando tudo aquilo que eu mais acredito entra em conflito direto com a atitude ou com o discurso de um colega professor, um funcionário ou um aluno? Como lidar com essa contradição? Como ser ético? E o que exatamente isso significa? Ser ético é agir conforme os meus valores e ponto? É agir segundo as normas e regras estabelecidas?

Para começar, o sujeito ético é aquele consciente de si e dos outros. Consciente de que é um ser cujas ações são orientadas por valores. E que assim como as suas ações são determinadas por idéias e crenças, os outros também têm crenças, idéias e valores que orientam suas ações.

E do mesmo modo que queremos ter nossos valores respeitados, devemos também respeitar os dos outros. No caso do professor, muitas vezes, por se acreditar mais experiente que seus alunos, ele pode acabar considerando que suas crenças, suas idéias "valem mais", são mais certas ou relevantes do que as de seus alunos. Engano! Se o professor quer construir a tolerância e o respeito deve ele, antes de todos, ser tolerante e respeitar.

O sujeito ético é um ser dotado de vontade, com capacidade de controlar e orientar seus desejos e decidir sobre suas ações. Um educador que pretende assumir uma postura ética, portanto, deve saber distinguir seus valores/desejos dos de seus alunos, saber ponderar sobre essas diferenças e agir em respeito a essas condições.

Além disso, se considero que tenho direito a liberdade de pensar e assu-

mir posturas e atitudes diferenciadas dos outros, devo também reconhecer a liberdade e o direito do outro de pensar, sentir e agir como sua vontade. Afinal, ser ético é ser livre, ou seja, auto determinar-se, dando a si mesmo as regras de conduta. Não são as regras que me fazem, mas eu sou autor das regras.

Isso não quer dizer que cada um faz o que quer. Até porque, ser ético é ser responsável. E ser responsável é reconhecer que é o autor da ação, assumindo suas conseqüências. Isso implica em reconhecer que não estamos sozinhos e que, portanto, nossas ações devem ter por referência nossa consciência e vontade, mas o reconhecimento de que nossa consciência e vontade estão na relação com outras consciências e vontades. Assim, não há "certo" ou "errado" absoluto, mas consensos construídos nos grupos através do respeito aos valores caros a TODOS que fazem parte daquela realidade social. E estes consensos vão se transformando ao longo do tempo e da história.

A construção coletiva desses processos, com diálogo, numa relação horizontalizada, sem perder de vista nosso papel formador, mas ao mesmo tempo assumindo uma postura de respeito e tolerância é que faz um educador ético, para com quaisquer questões, inclusive as relativas à sexualidade, homossexualidade e transexualidade. E é ainda mais preciosa essa discussão nesse campo apenas porque talvez ele, mais que outros, remexa nos mais profundos guardados, já que fala sobre os nossos desejos mais latentes, as relações mais fortes, os afetos mais sensíveis, o nosso corpo, a nossa força, a nossa identidade.

# RELIGIÃO E ESCOLA PÚBLICA

Esse projeto (oficinas sobre sexualidade) não pode acontecer aqui não. É que essa escola é Testemunha de Jeová  
**Coordenadora pedagógica de um escola pública**

Eu pessoalmente acho errado. Essa é a minha crença. Mas eu nunca vou falar isso para um aluno. Cada um tem os seus valores.  
**Professora**

Tenho uma coordenadora evangélica. Eu fiz um evento de diversidade sexual e ela proibiu qualquer cartaz no mural. Eu podia falar na sala, mas se colocasse no mural, obrigaria quem não está interessado a ler esse assunto.  
**Professor de escola de formação de professores**

Religião cada um tem a sua. Mas eu não estou falando de religião, eu estou falando de Deus.  
**Professora**

Eu amo o pecador, mas não amo o pecado  
**Professora**

Um educador cuja religião nega ou condena a homossexualidade não pode simplesmente negar ou condenar um aluno homossexual. Esse educador precisa ter claro para si que os seus valores são, antes de tudo, seus. Que o aluno diante dele tem outros. E que tem direito de tê-los, assim como ele próprio.

O que é difícil nessas horas é que os valores religiosos falam sobre coisas que vão muito além da materialidade, do sistema escolar ou da lei. Eles falam sobre valores que muitas vezes se pretendem universais. “Deus é um só e o que ele disse vale para todos”. O problema é que cada povo, cada grupo, cada ser humano, tem uma percepção e um entendimento diferente sobre a religião. Qual Deus é um só? O Deus católico? O evangélico? O judeu? O muçulmano? O umbandista? O kardecista? Sem esquecer que há muitos que nem sequer acreditam em um Deus. Se não entendermos que a religião é uma escolha, e não uma imposição, não vamos nunca conseguir estabelecer uma relação de respeito com o outro.

Ao longo da nossa história muito já se destruiu em nome de um Deus. Nações indígenas tiveram sua cultura destruída em nome de uma salvação religiosa, cientistas foram perseguidos e mortos, mulheres queimadas em fogueiras, se fizeram e ainda se fazem centenas de guerras em nome da fé. Precisamos aprender com a nossa própria

história e descobrir uma nova forma de viver as nossas crenças, sem isso significar que temos de impor aquilo que acreditamos aos outros.

Além disso, aos educadores de escolas públicas, vale sempre lembrar que a escola pública é laica e que, portanto, não pode impor nenhuma religião, nem como crença, nem como prática, aos seus alunos.

Por outro lado, também não basta simplesmente dizer que a escola é laica e que, portanto, é contra “as regras” que um professor deixe sua crença religiosa interferir nas atitudes que ele terá diante de um aluno ou de determinada situação.

Quantos educadores, em nome das mais belas ideologias, também não se rebelaram em algum momento contra a regra oficial? Quantas vezes nós mesmos não enfrentamos a “regra estabelecida” em nome de algo que acreditávamos ser maior do que isso, mais certo, mais justo?

Assim, o argumento de que a escola pública é laica vale, mais do que como uma regra ou uma norma, como valor, um princípio de que uma escola, se é pública, deve respeitar todas as manifestações religiosas, sem hierarquias, imposições ou exclusões. Vale como princípio de respeito e tolerância.

# aceitação [CONDICIONADA]

Na escola onde estudei, tinham dois heteros que estavam sacaneando dois alunos homossexuais. Um dos heteros passou a mão na bunda do outro pra zoar, mas o diretor na hora viu. Chamou os dois para a coordenação. Eles quase foram expulsos. Eles disseram que não eram gays, e o diretor disse que não importa ser ou não ser, o que importa é parecer. Dos homossexuais todo mundo sabia, mas eles não pareciam, então não tinha problema.

*Professora*



Um aluno soltava muito a franga. Mandava bilhetinhos pros meninos. Tive que chamar ele pra conversar, dizer que respeito ele, mas aqui na escola não pode fazer isso, que quando alguém faltar ao respeito com ele e ele vier reclamar comigo não vou poder fazer nada, porque ele tem que se dar ao respeito. Com menina a gente também chama pra conversar, porque depois eles podem desrespeitar. As meninas são mais afoitas. Tenho medo de que batam nele na escola... mas a culpa é dos agressores também.

*Professora*

Eu tinha um aluno que nunca tinha se assumido, mas tinha trejeitos. Os colegas implicavam, ridicularizavam, e ele reclamava. Eu conversei com ele e falei que ele não tem que dar satisfação da sua vida, você que sabe de si. Ele conseguiu se formar. Encontrei ele hoje advogado e assumido.

*Professora*

Eu cansei de chegar rouco em casa depois da escola, de tanto forçar para engrossar a voz durante o dia.

*Jovem homossexual*

Quando falamos de uma escola inclusiva, que acolha a todos, quem está incluído nesse “todos”? Estão incluídos aí também certamente os homossexuais. Ou não?

Mas quando falamos de inclusão, o que exatamente isso significa? Incluir um aluno cadeirante, por exemplo, significa que a escola precisa adaptar a sua estrutura - rampas, banheiros, portas - para poder permitir a esse aluno que freqüente as aulas como todos os outros. Quando falamos de incluir alunos com necessidades especiais, isso significa que os professores pre-

cisam se reciclar e aprender a dar suporte a esse aluno e a como desenvolver metodologias que incluam as necessidades dele.

E porque então, quando falamos de incluir alunos homossexuais, transexuais ou travestis, muitos dizem simplesmente que a escola tem as suas normas, a escola é assim ou assado e são eles, os alunos, que devem se encaixar nestes padrões e pronto?

Em primeiro lugar, é preciso ter claro que a escola inclusiva não é um presente, uma boa ação, mas a conquista gradativa de um direi-

# escola e EXCLUSÃO

to por parte de grupos até então excluídos. Os alunos, sejam cadeirantes, surdos, ou com necessidades especiais não são coitadinhos, carentes, dependentes da ajuda da escola. São simplesmente alunos, tão diferentes dos outros quanto qualquer ser humano é diferente do outro. Têm dificuldades assim como todos nós temos. A escola inclusiva é apenas o entendimento de que os seres humanos são diversos e não existe nenhum modelo ideal de aluno. É a idéia de que a educação pública não pode escolher para qual tipo de pessoa ela vai se organizar, mas, pelo contrário, a escola tem de desenvolver formas de atender às necessidades de TODOS aqueles que, por direito, queiram nela estudar.

Portanto, não há dúvida de que gays, lésbicas, transexuais e travestis têm sim direito a estudar numa escola pública que os acolha e respeite. Agora, isso não significa que, para terem acesso à educação, eles devam abrir mão de suas identidades. Ninguém pediria a um aluno cadeirante para levantar-se da cadeira para poder assistir às aulas. Não faria o menor sentido dizer a um aluno surdo para ele aprender a ouvir como todos os outros para poder assistir às aulas. Então, por que os alunos gays, lésbicas, transexuais e travestis deveriam abrir mão do seu jeito de ser, de falar, de agir para se adequar ao padrão de comportamento de gênero que mais agrada à equipe de professores? Por que, para poder estudar,

uma travesti deve abrir mão da sua identidade feminina, se fantasiar de menino e reprimir toda a sua espontaneidade? Por que, para ser aceito, um aluno gay tem de mudar o seu jeito de falar? Ou uma aluna lésbica tem de agüentar constantemente os comentários de professoras sobre o quanto ela não se comporta como uma mocinha?

Em grande parte das vezes a “aceitação” a alunos homossexuais é condicionada - eles podem ser gays ou lésbicas, desde que não pareçam, ou seja, uma vez que não incomodem os olhos dos outros. Uma inclusão onde a condição é que eles abram mão de suas identidades e se enquadrem em determinados padrões de comportamento; padrões estes que não têm nada a ver com o papel de um aluno - se comportar, fazer o dever, estudar, etc - mas com papéis de gênero. Padrões de gênero que não constam em nenhuma lei ou norma escolar. Padrões de gênero que são acriticamente reproduzidos pelas escolas e estão baseados tão somente nas concepções pessoais dos educadores.

Obrigar um aluno ou aluna a modificar o seu jeito íntimo de ser, de falar, de se fazer bonito para poder estudar, é condicionar um direito que é incondicional. É abuso de poder. É desrespeito. E é sinal de que o educador ainda não entendeu que a identidade sexual daquele aluno não é uma firula ou uma brincadeira, mas parte constitutiva da sua própria personalidade.

*Com 15 anos eu era gay e já tomava hormônio. Quando descobriram, eu quase fui morta, fiquei em pânico. Meus pais se mudaram pra Guaratiba. Ai os meninos começaram a zombar de mim. Na escola onde eu estudava aconteceu um roubo e falaram que fui eu. Meu pai não agüentava mais, foi conversar com o diretor e ele disse: “seu filho é viado, e nossa escola não aceita esse tipo de coisa”. Minha mãe verdadeira não aceitou, virou as costas para mim.  
Jovem travesti, 29 anos, mora hoje em Campo Grande. Tem vontade de voltar a estudar.*



*Eu sempre fui afeminada. Desde a 1ª série meus pais eram chamados toda hora para a secretaria, por conta do meu jeito. Meu sonho sempre foi estudar. Com 12 anos fui com bolsa para escola particular e todo mundo olhava estranho. Com 13 eu comecei a tomar hormônio e isso causou mais problema. Não podia usar o banheiro... Mas não ligava pro que diziam. Um dia disseram que não aceitavam aluno assim, não aceitavam aluno assim, eu não podia mais estudar lá. Fui para rua, mas sempre queria voltar a estudar. Queria ter faculdade de medicina. Hoje quero me reciclar, fazer pré-vestibular, esse é meu sonho. Quero chegar lá, não importa a idade, e dizer que tentei e consegui.  
**Jovem travesti***

Há no imaginário de grande parte da população uma relação direta entre travestilidade, transexualidade e prostituição. Em muitos veículos da mídia a palavra travesti aparece quase como sinônimo de profissional do sexo, como se a prostituição fosse algo intrínseco às travestis.

Nada contra as profissionais do sexo. Muito pelo contrário, é um segmento da nossa população historicamente marginalizado, que precisa ter sua cidadania e seus direitos reconhecidos, sem que para isso precise abrir mão de trabalhar como quiser. Independente disso, vincular as travestis necessariamente à prostituição é, além de um equívoco, uma atitude preconceituosa.

Aqui precisamos nos afastar da visão estereotipada que condena as travestis e as transexuais apenas a um círculo restrito de atividades (prostituta, cabeleireira ou artista de show), mas também não podemos, em nome de um discurso politicamente correto, ignorar uma realidade por demais injusta e excludente.

Vamos pensar juntos então, quais as possibilidades de trabalho hoje para uma travesti ou transexual? Quantas médicas travestis você conhece? Quantas transexuais trabalhando como vendedora no shopping? Quantas professoras travestis? Provavelmente nenhuma.

Essa é uma exclusão que não é “natural”. Não é parte da perso-

nalidade das travestis ou das transexuais não querer trabalhar em diferentes profissões. O que há é uma engrenagem de exclusão iniciada desde muito cedo. E um dos primeiros lugares de onde elas são excluída é a Escola.

Quantas escolas hoje são capazes de acolher uma aluna travesti, respeitando a sua identidade de gênero? Quantas escolas conseguem lidar com as contradições e reações preconceituosas por parte dos pais, mães, alunos e, principalmente, educadores? Quantas escolas conseguem rever os seus próprios conceitos e práticas internalizadas para aprender a receber uma aluna transexual? Como já discutimos antes, não adianta simplesmente dizer que a escola tem as suas regras e pronto. A travesti é uma aluna como todas as outras, com os mesmos direitos à educação pública de todos os outros. Portanto, a escola tem sim a obrigação de aprender a acolher uma aluna travesti ou transexual.

A renegação da identidade da travesti, a opressão a que ela é submetida para se adequar a inúmeras regras de comportamento de gênero, a estigmatização dessa aluna como “problemática” e, em alguns casos, “potencialmente perigosa” às inúmeras situações de preconceito e até violência a qual ela é submetida... Tudo isso contribui certamente para a cristalização de um sentimento nessa aluna de que ela não deveria estar ali, e é um incômodo permanen-

te e que a única forma de superar todos esses obstáculos é sair da escola.

A exclusão da escola faz parte de uma engrenagem que combina evasão familiar, evasão escolar, o conseqüente despreparo técnico e profissional, discriminação no mercado de trabalho, violências sociais e institucionais. Tudo isso limita enormemente as possibilidades de realização social e profissional de uma travesti. Não por uma limitação pessoal, mas por uma máquina de exclusão que a empurra permanentemente para a marginalidade da vida social, o que as torna um segmento populacional extremamente vulnerável.

Há sim muitos exemplos de travestis e transexuais que, enfrentando todas essas contradições, conseguiram modificar o seu “destino” e abrir novas possibilidades.

Mas uma travesti ou transexual não deveria ter de enfrentar tantos obstáculos para poder (talvez) conquistar aquilo que são direitos básicos e fundamentais de todos nós - educação e trabalho. É preciso que se entenda, de uma vez por todas, que não há nada na Constituição Brasileira que diga como homens e mulheres devem se vestir ou qual identidade de gênero eles devem assumir. Assim, as travestis e as transexuais são tão cidadãs como qualquer um de nós e, como qualquer um de nós, são sujeitos de direitos.

# mudando as regras

Mas a escola tem regras,  
tem normas, e essas normas  
têm de ser cumpridas por  
todos. E ponto.  
Professora

Um aluno chegou e pediu para ser chamado de Fernanda\*, ou então Fê\*. O nome dele era Fernando\* (o nome verdadeiro foi mantido em sigilo), então era fácil porque esse apelido serve tanto pro masculino quanto para o feminino. De qualquer maneira, a gente respeitou. E a direção chegou e decretou, sem consultar a gente, que não podia, tem que chamar como está na identidade. “A sexualidade de um adolescente de 12 anos ainda está em formação, e ele não foi diagnosticado trans”, etc. Por isso, ele foi obrigado a cair de sunga na piscina. Ele cobria o corpo com as mãos, como se estivesse semi nu. Dava pra ver como aquilo agredia ele. Ele fez isso três vezes e, depois, saiu da escola. Dias depois de abandonar, ele foi num evento da escola e deu pra ver que circulava tranquilamente entre os alunos. O preconceito está muito mais na escola, na direção. Como se o aluno, por ter 12 anos, não fosse dotado de direitos humanos, e não tivesse direitos sexuais e reprodutivos. Foi um tapa na cara de todo mundo pra acordar. E disseram que ele está fazendo ponto perto da nossa casa, mas são as mesmas pessoas que obrigaram a chamá-lo de Victor, então não sei se é verdade.

**Professora**

Sempre reclamavam da aparência, tosei cabelo, apertei peito com atadura e usei calça larga. Consegui terminar o 1º grau. Entrei pro 2º grau de enfermagem, não podia usar o cabelo solto, saía, unha pintada, eu aceitei. E consegui terminar. Elas foram me deixando mais solta com o tempo. Quando fui para o estágio, a supervisora - hoje minha amiga - perguntou “o que você tá fazendo aqui?”. Outra, hoje também minha amiga, mandou cortar o cabelo e esconder os peitos. Também aceitei. Eu me dei bem com os médicos e era muito competente. Sofri alguns preconceitos, não queriam me ensinar alguns procedimentos. Com o tempo, foram liberando mais. Acho que abri mão de muita coisa, e hoje me arrependo de não ter lutado mais.  
**Jovem travesti**

Eu estudava em bons colégios particulares. Com 18 anos eu resolvi estudar por conta própria e procurei uma escola pública. A primeira barra foi na diretoria. Eu não conseguia me habituar àquele lugar. Eu não podia usar o banheiro, tinha que ir até o shopping. Os professores me chamavam pelo nome de menino. Tinha que brigar todo dia. Não agüentei, saí. Voltei agora para o supletivo, que não tem aula. Eu vou na escola só para pegar os trabalhos e entregar. Prefiro assim. Eu não consigo mais enfrentar.  
Eu não consigo mais.  
**Jovem travesti**

Eu comecei o ensino médio esse ano. No ensino fundamental, em Bangu, é que eu comecei a minha transformação, comecei a tomar hormônio e tal. Eu tava na 4ª série. Passei por alguns constrangimentos. Os colegas tudo bem, mas tinha uma professora que sempre implicava comigo, tudo era eu que fiz. Na 5ª série foi tudo normal, usei roupa de mulher e brincos exóticos. Na 6ª os meninos não sentavam perto nem falavam comigo. Dali em diante foi luxo! Na chamada tava Larissa, a diretora me chamava de Larissa. Troquei de escola algumas vezes, mas nem sempre tive problema. Nós somos taxadas de burras o tempo todo. No ensino fundamental os professores ficaram boquiabertos porque eu fui a única a tirar 10 no provão e na olimpíada de matemática. Alguns alunos brincavam: “Ah é viado!”. “Mas o viado tirou 10, quanto você tirou?”  
**Travesti**

Para começar aqui nossa discussão vamos pensar na diferença entre o que são regras e o que são práticas naturalizadas. Há uma série de práticas na Escola que não fazem parte de nenhuma norma, regra ou legislação, interna ou do sistema. Práticas que estão baseadas nos hábitos culturais, no senso comum ou mesmo na opinião de alguns edu-

## UNIFORME FEMININO

*Mas precisa? [uma aluna travesti usar o uniforme feminino] Tem necessidade disso?  
Estagiária de Pedagogia*

Uma dessas “regras” diz respeito ao uniforme dos alunos. Muitas escolas já aboliram diferenciações de gênero na roupa dos alunos, mas algumas ainda mantêm, ou o uniforme diferenciado em si, ou restrições com relação a adereços, cabelos, brincos e outros detalhes.

Essas diferenciações não fazem parte do currículo, não são normas estabelecidas pela Secretaria de Educação, muito menos pelo Ministério da Educação, e, em grande parte das vezes, nem sequer constam de um estatuto, do projeto político pedagógico da escola ou de qualquer outro documento normativo. Essas diferenciações, principalmente quando chegam ao extremo de detalhes, são fruto apenas das concepções de gênero internalizadas em grande parte dos educado-

dores, que vão se tornando tão constantes a ponto de ser difícil até mesmo identificá-las.

Muitas dessas práticas e normas se constituem como verdadeiras violências institucionais, no momento em que provocam danos à auto-estima, à identidade, ao desempenho emocional, social e escolar do aluno.

res e da direção da escola. Práticas naturalizadas que vão se reproduzindo, quase acriticamente, sem que haja uma discussão coletiva sobre elas, às vezes sem sequer serem percebidas.

Imagine o que significaria para você ser obrigado a ir para a escola vestindo uma roupa do gênero oposto. Imagine o que significaria para um aluno heterossexual, com uma identidade de gênero bem masculina, ser obrigado a ir para a escola vestido de mulher. Imagine o que significaria para uma mulher que adora os seus cabelos compridos ser obrigada a cortar tudo para poder freqüentar as aulas. Ou ser obrigada a apertar os seios, usar roupas que encobrissem a curvas do seu próprio corpo.

Agora imagine o que significa

tudo isso para uma aluna travesti, que tem uma identidade feminina, que vive e convive em todos os outros lugares como mulher, e apenas

para ir à escola ser obrigada, aí sim, a se “travestir” de homem. Ser forçada a assumir um identidade que não é a sua.

## O NOME NA CHAMADA

*Quando eu decidi voltar a estudar e terminar o 2º grau, eu pensei “vou ter que enfrentar o Renato”. Cheguei na escola, me apresentei para o diretor. Ele disse que já tiveram alunas trans e não haveria problema. Eu teria o meu nome feminino na chamada. Então eu relaxei. No primeiro dia o professor foi fazer a chamada e chamou “Renato”. Aquilo me pegou de surpresa. Eu não respondi. Não tinha me preparado pra isso. Falei com o diretor e ele colocou o nome feminino no dia seguinte. Mas ficaram os dois na chamada. Um professor vivia fazendo piadinhas e insistia em me chamar de Renato. Eu fui lá na frente e fiz a franca. Falei pra todos os colegas que eu era transexual, que isso e aquilo.*

*Transexual*

*Eu tenho que chamar pelo nome que está na carteira de identidade. Se ela mudar o registro civil dela, aí tudo bem.  
Professora*

A mudança civil do nome é uma das maiores lutas do movimento das travestis e transexuais. Essa mudança significa o reconhecimento oficial da sua identidade feminina.

Na escola muitos professores argumentam que não podem chamar a aluna trans ou travesti por outro nome que não seja o que está na chamada. Mas se você tiver um aluno com um nome muito estranho, que cada chamada se torne para ele um momento de constrangimento diante das brincadeiras dos colegas e, um dia, esse aluno lhe pedir

que você o chame por um apelido para ele poder se livrar dessa experiência vexatória; será que seria tão complicado assim simplesmente anotar outro nome ao lado do dele? Ou, por um preciosismo normativo, você obrigaria aquele aluno a, cotidianamente, viver um constrangimento?

Muitos de nós já nos rebelamos contra algumas regras, por acreditarmos que elas são injustas. Por que então, quando o assunto é uma aluna travesti, as regras se tornam completamente inflexíveis?

## O X DA QUESTÃO

Quando um professor diz que não pode chamar uma aluna travesti pelo nome feminino, porque, afinal, na chamada e na sua identidade o que consta é o nome masculino, ele está mesmo respeitando as regras? Ou essa “regra” está servindo apenas como uma forma de acobertar ou justificar a sua própria dificuldade de reconhecer e lidar com a identidade daquela aluna travesti?

Durante uma das oficinas realizadas em escolas públicas, os professores começaram um intenso debate sobre flexibilização ou não de normas e regras para uma aluna travesti. Depois de muitas idas e vindas, argumentos e contra-argumentos, uma professora, já exausta, lançou “ah! Mas ele é homem! E pronto!”.

E aí nós chegamos ao que de fato importa nessa questão. Mudar

o nome na chamada, permitir o uso do uniforme feminino, compartilhar o banheiro das meninas, tudo isso, no fundo, depende apenas de uma coisa: se o educador reconhece ou se rejeita a identidade feminina da travesti. Se ele reconhece, tudo é resolvível. Se, pelo contrário, ele rejeita, tudo é empecilho.

Muitas vezes os professores vão justificar no preconceito dos alunos ou dos responsáveis a impossibilidade de acolher uma aluna travesti. Em muitos casos, o preconceito dos outros serve aí para acobertar a sua própria dificuldade de lidar com a questão.

Reconhecer a identidade do outro é passo fundamental para podermos iniciar qualquer relação equilibrada e solidária. Tentar impor os nossos conceitos de gênero a um aluno é desrespeitoso e invasivo. Além de extremamente injusto, dado à desproporção de poder numa relação professor-aluno.

Muitos educadores olham as alunas travestis ou transexuais como potencialmente perigosas. E de fato elas são. São perigosas a partir do momento em que, pelo seu jeito de ser e de vestir, elas subvertem os padrões de comportamento de gênero socialmente estabelecidos. Mostram que esses padrões podem ser transformados e bastante questionados. São perigosas porque mostram que aquilo que parecia claro e óbvio, talvez não seja. São perigosas porque podem fazer pensar.



## SUBVERTENDO TUDO

*Se a gente permitir isso, daqui a pouco cada um vai vir vestido como quiser? E você vai ter aluno vindo de saia de palhaçada, pra provocar...*

*Professora*

*Depois da entrada de um aluno transexual, os professores começaram a perceber coisas novas, como as manifestações de sexualidade, e atribuíram a ele. Mas a questão é que antes eles só pensavam no conteúdo que tinham que passar em sala.*

*Professor*

## beijos e chamegos



Responda sinceramente, você ficaria chocada ao ver duas alunas se beijando? Se você respondeu que sim, não se preocupe, grande parte das pessoas hoje ainda teriam uma grande dificuldade de lidar com uma situação como essa. A maioria de nós foi educado de uma forma conservadora, onde o afeto entre pessoas do mesmo sexo era algo, se não errado, no mínimo desconhecido. Não vemos casais de homens ou de mulheres se beijando na televisão até hoje. Muitas pessoas nunca presenciaram uma relação de afeto entre pessoas do mesmo sexo. E tudo o que é novo, surpreende, assusta.

O que importa é o que você faria a partir daí. Deixaria a sua dificuldade pessoal guiar sua ação? Ou tentaria lidar com aquele afeto com naturalidade? Mandaria as meninas para a psicóloga? Teria uma crise? Diria que a escola não é um lugar

para namorar, mas para estudar?

A maioria das escolas não permite o beijo entre os alunos (o que era um bom assunto para a gente discutir, se tivéssemos espaço para isso). Mas se um menino e uma menina, que são sabidamente namorados, sentarem juntos no recreio e derem as mãos, é difícil imaginar - pelo menos na maioria das escolas - que um professor venha separar os dois dizendo que escola não é lugar para isso. Agora, e se dois meninos, sabidamente namorados, resolvessem dar as mãos durante o recreio?

O que se discute aqui - pelo menos nesse momento - não é permitir ou não o beijo, mas que a tolerância para as demonstrações de afeto não podem distinguir entre hetero ou homossexuais. Que se um casal hetero pode andar de mãos dadas, um casal de meninos ou de meninas também pode.

Dois meninos brigando no meio do pátio é algo relativamente comum ou cotidiano para a maioria dos professores. Agora, e dois meninos se beijando? Parariam a escola, ou não? Vale aqui a gente pensar: como o afeto pode ser mais chocante para muitos de nós do que a violência? Como um beijo pode ser mais assustador do que um soco?

# professores

Fui educadora na minha cidade. A barreira começou com os pais. Fizeram uma reunião e perceberam que eu ser como sou não ia afetar nada. Comecei com Educação de Jovens e Adultos e terminei com Ensino Fundamental, no Piauí. Com os alunos também era tranquilo, porque a matrícula era de casa em casa, então encarei isso.  
**Professora e travesti**

Trabalhei numa escola que era proibido usar brinco. Eu entrei e usava brinco. Os alunos vieram quase chorando. Porque eu podia e eles não? Disseram que a diretora disse que era coisa de viado. Falei com a diretora e ela disse que eu podia, porque já era formado.  
**Professor e gay**

Nós temos um professor aqui que é homossexual. Uma mãe começou a perseguir ele. Um dia ela veio falar comigo que ele estava usando um celular vermelho. Como podia um professor usar um celular vermelho! Nós só resolvemos o problema quando falamos que a mãe podia ser processada por racismo. O professor era negro. Ai ela parou. Em discriminação sexual não tem essa barreira, não dá pra impedir, pôr limites.  
**Diretora**

Um professor homossexual pode causar problemas para a escola? Pode sim. Mas a escola tem que acolher e bancar esse professor, mostrar que ele tem que ser respeitado. Enfrentar o preconceito junto com ele.  
**Diretora**

Um professor homossexual pode criar problemas para a escola? Provavelmente sim. Não pela sua sexualidade, mas pelas reações preconceituosas que podem surgir a partir da orientação sexual declarada ou prejudgada desse educador. O mais importante aqui, em primeiro lugar, é lembrar que não é o professor gay ou professora lésbica a causa das situações de conflito. O preconceito de alguns responsáveis, alunos/as ou colegas é, de fato, a verdadeira fonte dos problemas.

Muitas pessoas vão dizer que não existe nenhum problema em ter na escola um professor homossexual, desde que ele se comporte. Mas o que significa esse se comportar? Em grande parte das vezes, se comportar significa ser, mas não parecer homossexual. Significa que esse profissional, para ser aceito e respeitado, tem que abrir mão de ser, agir, falar do seu jeito, para se adaptar a uma determinada norma de comportamento de gênero. Significa que ele ou ela tem que vestir uma máscara, interpretar um papel dentro da Escola que não levante nenhum indício de sua identidade sexual.

Alguém pode dizer que não há necessidade de um educador ou educadora homossexual ficar expondo a sua sexualidade na Escola. Que isso é algo íntimo e que só diz respeito a ele ou ela. Mas professoras heterossexuais falam para os colegas o nome do seu namorado, o marido pode vir buscá-las de carro na porta do colégio, ela pode andar

com uma foto dele na carteira. Professores heterossexuais podem levar a sua esposa na festa de final de ano da escola e apresentá-la, não como uma amiga, mas como sua companheira a todos os colegas, pais, mães ou alunos. Ou seja, manter a privacidade sobre sua vida particular não significa ter que escondê-la, como quem oculta algo de errado. Os educadores homossexuais têm tanto direito de falar sobre sua vida afetiva quanto qualquer educador heterossexual.

Profissionalismo não tem nada a ver com falar grosso ou fino, com andar assim ou assado, vestir essa ou aquela cor. Profissionalismo tem a ver com ética, compromisso com o trabalho, dedicação, capacidade, respeito. Educadores têm de ser julgados como educadores, não como gays, lésbicas, heterossexuais, ou o que seja. E dizer que a identidade sexual do profissional não importa não significa dizer que ele tem de apagá-la, escondê-la ou negá-la, como se fosse um algo errado, tolerado pela escola, mas que não quer que se torne visível. Dizer que a identidade sexual do profissional não importa significa que TODAS as identidades sexuais serão respeitadas, sejam quais forem.

# VIOLÊNCIA

A Hannah tinha a minha guarda e foi um sacrifício ela conseguir me colocar na escola. No começo foi uma maravilha. No final do ano eu estava organizando a festa de Dia das Bruxas, e dei meu telefone para todos os colegas da turma. No dia seguinte alguns pais começaram a me ligar e me ofender no telefone, dizer que era uma perversão... Fiquei em pânico. Não teve festa. Um dia cheguei na escola, quando ia entrar pelo portão um pai me puxou e falou que eu não podia entrar, eu era uma anomalia. Veio um monte de pai, mãe e aluno fazer isso também. Daquele dia em diante eu nunca mais voltei pra escola.

Jovem transexual

Um professor questionou a sexualidade da aluna em reunião de pais e filhos. A mãe pegou a menina pela garganta na frente de todo mundo. Aquilo me apavorou.

Professora

Já tivemos casos aqui na escola, e o grande problema não é conosco, professores. A gente ficava muito espantado - tatuagem, roupa curta... Agredia. E os professores conversavam com ele para fazer algo mais natural. Mas os alunos não aceitavam, e ele acabou se afastando da escola, acho que nem estuda mais.

Professora

Eu fiz um trabalho de educação ambiental onde a gente buscava os alunos nas escolas, levava pro núcleo, lanchava e ia pro campo. Tava num ônibus com uma turma, aquela zona de sempre. Tinha um menino efeminado, e nenhum aluno discriminava, era o xodozinho da turma. O professor da turma começou a gritar mais alto que os outros pra ele "ô homo, ô homo, senta ai homo sapiens".

Professora

Mas aí a gente já teve até aqui na escola e viu que não é bom mesmo [ter alunos homossexuais]. Porque o menino dava sempre em cima dos caras e os caras batiam nele. Aí ficava a maior bagunça. Então era melhor que não tivesse. Ficava a maior pancadaria. Os alunos não sabem lidar. Que pena que foi tirado da escola, porque eu havia conseguido que ele se comportasse melhor..

Professor

Na 8ª série, fui chorando pra direção por causa da perseguição dos alunos. A diretora me incentivou, disse que era um bom aluno. Eu não desisti de estudar, mas mudei de escola.

Jovem gay

Há pessoas hoje que dizem que o preconceito contra homossexuais diminuiu muito e quase não existe mais. Será? Sem dúvida os homossexuais estão mais visíveis hoje do que há cinqüenta anos, mas isso diminuiu a violência contra esse grupo?

Uma pesquisa realizada pelo IBOPE revelou que 56% dos entrevistados mudariam sua conduta com o colega de trabalho se soubessem que ele é homossexual. Um em cada cinco se afastaria e passaria a evitá-lo. 36% deixariam de contratar um homossexual para um cargo em sua empresa, mesmo que ele fosse o mais qualificado entre os pretendentes ao cargo. 45% trocariam de médico se descobrissem que ele é gay. 79% ficariam tristes se tivessem um filho homossexual. 8% seriam capazes de castigá-lo. 62% dos entrevistados acham que o pai deve tentar convencer seu filho a mudar de condição quando descobre que é homossexual.

## SEXISMO E HOMOFOBIA NA ESCOLA

Na escola, os preconceitos e os atos de discriminação contra homossexuais muitas vezes são naturalizados e banalizados. Os próprios educadores não consideram

estes casos como relevantes. São brincadeiras, coisa sem importância. Muitas vezes os professores não só silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução dessas violências.

Ao contrário do que se possa imaginar, segundo os autores da pesquisa, “essa realidade interfere no padrão das relações entre estudantes e profissionais da educação; afeta o rendimento escolar e a construção da identidade e da auto-estima do aluno; afeta a vida sócio-afetiva; pode prejudicar a inserção no mercado de trabalho e até mesmo a exclusão do direito à educação pública, em casos extremos envolvendo transexuais e transgêneros.”

O estudo da UNESCO aponta para um alto índice de imagens homofóbicas e de intolerância quanto à homossexualidade entre estudantes e professores. “A discriminação contra homossexuais, ao contrário das de outros tipos, como as relacionadas a racismo e a sexismo, é não somente mais abertamente assumidas, em particular por jovens alunos, além de ser valorizada entre eles.” Nesse estudo, um quarto dos alunos entrevistados afirmaram que não gostariam de ter colegas homossexuais. O percentual fica maior ainda quando se trata apenas dos meninos. No Rio de Janeiro, entre os responsáveis, 40% não gostariam que seu filho estudasse junto com um colega homossexual. Esse percentual cai muito entre professores, mas há ainda um grande número de

educadores que rejeitam a idéia de ter um aluno gay ou uma aluna lésbica. No Rio de Janeiro, 15% dos estudantes acham que a homossexualidade é uma doença, chegando a 23% entre os homens. O percentual é de 16% entre os educadores.

O preconceito e a discriminação aparecem de forma bem explícita e se desenvolvem em grande parte como uma espécie de medo da “perda de gênero”, o medo de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher de verdade. “Muitos dizem que não têm preconceito, desde que o homossexual permaneça longe, não se aproxime e, principalmente, que não insinue que eles possam ser um igual ou um parceiro da relação.” Na pesquisa da UNESCO, quando solicitados a indicar as formas mais graves de violências, rapazes e moças apontam os mesmos itens, com uma singular diferença: a agressão a homossexuais. Enquanto para as meninas bater em homossexuais aparece como a terceira violência mais grave, para os meninos ela aparece em sexto e último lugar.

Isso evidencia claramente a relação entre homofobia e concepções de gênero, em especial de masculinidade. São nos estereótipos de gênero, dos comportamentos socialmente atribuídos a homens e mulheres, que têm origem as bases da homofobia.

Um homem que faça sexo com outro homem, mas na posição de ativo, poderá perfeitamente não se reconhecer e mesmo ser reconhe-

cido como homossexual, dado que não abdicou do seu papel sexual de “homem”. Duas mulheres “femininas” se beijando inclusive faz parte da fantasia sexual de muitos homens heterossexuais. No momento em que os estereótipos de gênero são contrariados, em que homens e mulheres têm um comportamento diferente do papel culturalmente atribuído a eles/as, eles/as se tornam alvos imediatos da homofobia. Não é à toa que as travestis, dentre todos os segmentos da comunidade GLBTT, são as que convivem com uma realidade mais intensa de preconceitos, discriminações e violências.

PRECONCEITO

DISCRIMINAÇÃO

VIOLÊNCIA

No imaginário dos entrevistados, se diferencia preconceito e discriminação. Como se uma postura preconceituosa pudesse não interferir ou incrementar uma realidade de situações materiais concretas de discriminação. No entanto, essa discriminação se dá, não só através de regras e posturas institucionais homofóbicas, como em atos explícitos e muitas vezes recorrentes, principalmente no uso de uma linguagem pejorativa por parte dos alunos - que visa humilhar, discriminar, ofender, ignorar,

isolar, tyrannizar e ameaçar - geralmente tolerada e muitas vezes assumida pelos educadores.

A “tolerância”, quando se dá, se expressa de uma forma interessante. Os/as alunos/as homossexuais são bem aceitos desde que “se comportem”, ou seja, desde que não expressem ou aparentem, em nenhum momento, a sua sexualidade. São aceitos/as como alunos/as assexuados/as, tolerados/as como estudantes, mas tendo a sua sexualidade e afetividade totalmente reprimidas e rejeitadas.

Estas e outras pesquisas concluem que situações de discriminação e de agressão verbal têm um grande potencial e muitas vezes precedem situações de violência física. O que parece irrelevante pode ser o prenúncio, e pior, o fundamento para uma cultura de violência, que exclui, agride, humilha e mata.

Numa pesquisa recente realizada durante a Parada do Orgulho GLBT no Rio de Janeiro, 40% dos adolescentes homossexuais entrevistados contaram já haver sofrido casos de discriminação dentro da Escola. Entre jovens de 19 a 21 anos, 31% se referiram a discriminações na escola ou na faculdade. Na mesma pesquisa, 65% dos homossexuais já haviam sido vítimas de algum tipo de preconceito e 60% já haviam sofrido alguma forma de violência. A Escola aparece em terceiro lugar como local ou contexto da discriminação (27% dos casos), atrás apenas do ambiente familiar

e dos amigos e vizinhos. Mantém a mesma posição como espaço onde acontecem as agressões e outras violências (10%) .

A pesquisa da UNESCO conclui também que os professores desempenham uma convivência não assumida com discriminações contra homossexuais, numa espécie de cumplicidade passiva. Além disso, desqualificam os episódios de preconceito como coisa sem importância e apontam como algo que acontece apenas entre os alunos, não se vendo como agentes desse processo de discriminação.

Por outro lado, são vários os depoimentos de professores sugerindo que a escola pode desconstruir a discriminação, tanto através de ações planejadas quanto na mudança de posturas, num tratamento pró-inclusão que valorize a autoestima, incentivando o respeito à diversidade.

A diversidade, segundo o próprio discurso governamental expresso em documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o Programa Brasil Sem Homofobia, precisa ser encarada como recurso social para a transformação. Um instrumento, algo essencial para possibilitar o desenvolvimento humano.

A Universidade, além de um *locus* de produção de conhecimento, é também uma instituição que deve interferir na realidade que a cerca e transpassa. Ela pode, e deve, usar a sua bagagem, estrutura e capacidade para promover ações ex-

tensionistas que contribuam para o desenvolvimento humano e social.

Neste sentido é que este projeto é proposto, como uma ação de incidência política, tendo como alvo educadores, atuantes ou em formação, que, junto com outros atores, compõem e constroem o ambiente escolar. Uma contribuição para modificar esse triste quadro de discriminação, justamente num espaço que deveria ser o da plena convivência, da tolerância e da solidariedade, do respeito e da comunhão.

## referências BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, F. F.; JANELLI, M. A. *Princesa - Depoimentos de um travesti brasileira a um líder das Brigadas Vermelhas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1995.

ALVIM, M. H. Um franciscano no Novo Mundo: frei Bernardino de Sahagún e sua Historia General de las cosas de Nueva España. In: *Estudios Ibero-Americanos*. PUC-RS, v. XXXI, n. 1, p. 51-60, junho 2005.

ARANHA, M. L. A.; e MARTINS, M. H. P. O mundo dos valores. In: ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Temas em Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1992.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. Secretaria de Educação Fundamental. Volume 10. 2ª ed. Brasília: DP&A, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Temas Transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Termo de Referência: Instruções Para Apresentação e Seleção de Projetos de Capacitação/Formação de Profissionais da Educação Para a Cidadania e a Diversidade Sexual*. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. *A travesti e o educador*. Cartilha informativa. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Boletim Epidemiológico AIDS/DST*. Ano IV, nº 1. Brasília, 2007.

CARRARA, S.; RAMOS, S. *Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT - Rio 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CARRARA, S.; VIANNA, A. R. B. "Tá lá o corpo estendido no chão...": A violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. In: *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 16(2):233-249, 2006.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY M.; SILVA, L. B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

CENTRO PARAENSE DE CIDADANIA. *Guia Educando para a Diversidade*. In: <<http://www.cepac.org.br/educando.html>> . Acessado em: 10/jan/2008.

CHAUÍ, M. A Filosofia moral. In: CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ética, 1996.

DRUMOND, I. M. R. M. B. Ser Travesti em Portugal no século XVI. In: *Vértice*. 2.ª série, n.º 85, Lisboa, 1998.

FERREIRA, N. T. *Cidadania, uma questão para a Educação*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FRY, P.; MACRAE, E. *O que é Homossexualidade*. São Paulo, Abril Cultural/Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 1993.

GANDAVO, P. M. *Historia da provincia sa(n)cta Cruz a qui" vulgarme(n)te chamam Brasil*. Impresso em Lisboa: na officina de Antonio Gonsalvez. s/d.

GRANER, B. Travestis e Transexuais: do estigma às políticas de prevenção. In: *VI Congresso de Prevenção das DST e AIDS: Desafios da prevenção e assistência no SUS*. Belo Horizonte, 2006.

HITA, M. G. Igualdade, Identidade e Diferença(s): Feminismo na Reinvenção de Sujeitos. In: ALMEIDA H. B.; COSTA R.G.; RAMÍREZ M.C.; SOUZA E.R. (org). *Gênero em Matizes*. Bragança Paulista: Coleção Estudos CDA-PH. Série História & Ciências Sociais; 2002, p. 319- 351.

IBOPE. *Pesquisa de opinião pública sobre assuntos políticos/administrativos JOB179*. Brasília, Fevereiro/2008. Disponível em: <[http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home\\_materia&db=cald&docid=A98B29DFAD7F945F8325740B00016AEF](http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=cald&docid=A98B29DFAD7F945F8325740B00016AEF)>. Acessado em: 24/mar/2008.

MIX BRASIL. *Gay Pride - O Casamento Gay pelo mundo*. In: <[http://mixbrasil.uol.com.br/pride/pride2005/casamento\\_mundo/casamento\\_mundo.asp](http://mixbrasil.uol.com.br/pride/pride2005/casamento_mundo/casamento_mundo.asp)> . Acessado em 18/12/2007.

MOTT, L. *Escravidão, Homossexualidade e Demologia*. São Paulo: Editora Icone, 1988a.

MOTT, L. Etno-história de la homossexualidad en América Latina. In: *Historia y Sociedad*. Universidade Nacional de Colombia, Medellín, Dez/1997, p.123-144.

MOTT, L. Pagode Português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. In: *Ciência e Cultura*, vol.40, fevereiro 1988b.

SILVA, H. R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*. Editora Record: 1986.



O Programa Papo Cabeça teve origem a partir de 8 anos de existência enquanto Projeto, desenvolvido pela Faculdade de Medicina e Maternidade Escola da UFRJ, atuando essencialmente nas Escolas Municipais no âmbito da 7ª CRE e excepcionalmente em outras localidades. Sua criação se deu a partir da percepção do crescente número de adolescentes grávidas que chegavam à Maternidade-Escola para atendimento. Em 1996, um professor adjunto do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina,

aliado a uma psicóloga e uma assistente social começaram a desenvolver um projeto de atuação nas escolas municipais que trabalhasse com os adolescentes a vivência de sua sexualidade e saúde reprodutiva, sob a perspectiva da construção de uma consciência crítica a partir da sensibilização.

Ao longo desses anos, frente às demandas apresentadas pela realidade onde o projeto atua, este se desdobrou em várias frentes de atuação, o que lhe conferiu o caráter de Programa, com vários projetos que dão conta das diversas formas de intervenção possíveis.

Atualmente, às vésperas de completar 12 anos, o Programa Papo Cabeça vem se expandindo mais e mais, desenvolvendo suas ações voltadas para os alunos, professores, pais e responsáveis, comunidade escolar e público em geral. Múltiplas dimensões, assim como a sexualidade, que se constrói e é vivenciada a cada dia de uma forma nova, sob novos prismas. É essa discussão, esse “Papo Cabeça”, que não deve silenciar.

Ao todo, fizeram parte desse “Papo Cabeça”, até hoje, cerca de 3000 alunos, 4000 responsáveis e 900 docentes, através do trabalho realizado em mais de 40 escolas. Já nos eventos externos, estima-se que o Programa tenha atendido aproximadamente 140.000 pessoas.

Programa Papo Cabeça  
Coordenação: José Leonídio Pereira  
Faculdade de Medicina / UFRJ  
(21) 3388-5853  
ppc@me.ufrj.br  
www.papocabeça.me.ufrj.br



# diversidade sexual na escola

O Projeto Diversidade Sexual na Escola foi desenvolvido em 2005 na Coordenação de Extensão do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, como parte de uma série de ações que visavam a troca de saberes e práticas, e a construção conjunta de conhecimentos com a Escola. O lançamento do Projeto ocorreu no Fórum Mundial de Educação de Nova Iguaçu, em 2006. De lá para cá, foram realizadas diversas oficinas de sensibilização com relação à diversidade sexual, em escolas da rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro, organizações de educação comunitárias, instituições de formação de professores, além de atividades pontuais em eventos da Universidade, abrangendo a área metropolitana, a região serrana e a região litorânea do Rio de Janeiro.

Recentemente, o Projeto Diversidade Sexual na Escola se integrou ao Programa Papo-Cabeça, realizado pela Faculdade de Medicina e pela Maternidade-Escola, para desenvolver ações em comum e potencializar os seus conteúdos, unindo o debate sobre questões de gênero e sexualidade mais amplas e a discussão acerca da diversidade sexual.

## COMO PARTICIPAR

O público alvo do projeto são educadores de todos os níveis, estudantes de cursos de formação pedagógica, diretores, coordenadores e corpo administrativo de instituições de ensino.

Os educadores que quiserem levar uma oficina para a sua escola devem entrar em contato pelo telefone (21) 2598-1892, ou pelo correio eletrônico [diversidadeppc@me.ufrj.br](mailto:diversidadeppc@me.ufrj.br). A data para realização da oficina será estabelecida com as instituições, com flexibilidade para se adaptar às possibilidades de cada grupo.

A atividade dura cerca de quatro horas e é realizada em apenas um dia. A oficina é gratuita, cabendo à instituição a viabilização das condições materiais para a sua realização (espaço, equipamento de projeção, divulgação, etc.).

Projeto Diversidade Sexual na Escola  
Coordenação: Alexandre Bortolini  
(21) 2598-1892  
[diversidadeppc@me.ufrj.br](mailto:diversidadeppc@me.ufrj.br)  
[www.papocabeça.me.ufrj.br/diversidade](http://www.papocabeça.me.ufrj.br/diversidade)

Endereço:  
Av. Pedro Calmon, 500 - Sala 815 - Prédio da Reitoria  
Cidade Universitária - Ilha do Fundão  
Rio de Janeiro - RJ  
CEP: 21941-901  
A/C: Alexandre Bortolini

Telefone:  
(21) 2598-1892

E-mail:  
[diversidadeppc@me.ufrj.br](mailto:diversidadeppc@me.ufrj.br)

Site:  
[www.papocabeca.me.ufrj.br/diversidade](http://www.papocabeca.me.ufrj.br/diversidade)

Realização



UFRJ



Ministério  
da Educação

